

Informação para autores

A Revista de Ciência Elementar dirige-se a um público alargado de professores do ensino básico e secundário, aos estudantes de todos os níveis de ensino e a todos aqueles que se interessam pela Ciência. Discutirá conceitos numa linguagem elementar², mas sempre com um rigor superior.

Convidam-se todos os investigadores a apresentarem os conceitos científicos básicos do seu labor diário numa linguagem que a generalidade da população possa ler e compreender.

Discutirá conceitos científicos numa linguagem elementar, mas sempre com um rigor superior.

Formato dos textos publicados (artigos e comunicações)

Os artigos devem incidir sobre a apresentação de um conceito científico em forma original e numa linguagem elementar, mas rigorosa. Deve permitir a um não especialistas a recolha de informação relevante e compreensível, mas ser rigoroso e atualizado; pode descer a uma profundidade e detalhe técnico que a torne útil a um público com formação científica mais especializada. Podem também apresentar e discutir uma tese inovadora sobre o ensino de determinados conceitos científicos, discutir a consolidação de um conceito científico ou apresentar e discutir uma estratégia inovadora de divulgação científica. A apresentação e discussão de algum aspeto da história da ciência, da tecnologia ou dos equipamentos por ela usados serão também aceites.

Os artigos devem conter os seguintes itens:

- Título que deve ser breve e informativo;
- Autores listados pela ordem de importância da sua contribuição;
- Endereços institucionais dos autores e endereço eletrónico do autor correspondente e os códigos ORCID (<http://www.orcid.org/>) de, pelo menos, o autor correspondente;
- Resumo que deve ser sempre breve e deve permitir uma leitura autónoma que transmita o significado e a relevância do conceito numa linguagem não técnica;
- Corpo do artigo com figuras ou ilustrações, como apropriado;
- Todos os artigos devem ter referências, não esquecendo todas as referências relevantes a outros artigos disponíveis para leitura pública na WikiCiências.

As comunicações devem incidir sobre os temas propostos para os artigos ou podem transmitir uma experiência educativa bem-sucedida para o ensino das ciências.

As comunicações devem conter os seguintes itens:

- Título que deve ser breve e informativo;
- Autores listados pela ordem de importância da sua contribuição;
- Endereços institucionais dos autores e endereço eletrónico do autor correspondente;
- Resumo que deve ser sempre breve e deve permitir uma leitura autónoma que transmita o significado e a relevância do conceito numa linguagem não técnica;
- Corpo da comunicação com figuras ou ilustrações, como apropriado;

² O termo “elementar” é inspirado nas propostas de Felix Klein em *Vorträge über ausgewählte Fragen der Elementargeometrie* (1895; Tradução inglesa por W. W. Beman and D. E. Smith, *Famous Problems of Elementary Geometry*, Boston, 1897); e em *Elementarmathematik vom höheren Standpunkte aus* (Leipzig, 1908)

Revista de Ciência Elementar

- Sempre que possível, as comunicações devem ter referências, não esquecendo todas as referências relevantes a outros artigos disponíveis para leitura pública na WikiCiências e a imagens ou materiais depositados na Casa das Ciências.

Como enviar o seu texto?

- Utilize o *template* abaixo para introduzir o seu texto. Para facilitar a edição, não altere as margens do documento nem o tipo ou tamanho da letra e tenha em conta as dimensões máximas permitidas para cada texto;
- Os artigos (texto + imagens) terão uma extensão indicativa de 2 a 3 páginas da *Rev. Ciência Elem.*, enquanto as comunicações (texto + imagens) terão normalmente a extensão de 1 página a 2 páginas da *Rev. Ciência Elem.*;
- Todas as imagens devem ser submetidas em ficheiro autónomo em formato **.jpg*, **.png*, **tiff* ou **.bmp*;
- As imagens submetidas deverão ser nítidas e ter uma resolução mínima de 1024 *pixel* de comprimento a 300 dpi, tal como ilustrado na secção “Dimensões mínimas das imagens”;
- Gráficos e esquemas devem ser submetidos em ficheiro autónomo em formato vetorial: **.ai*, **.svg*, **.eps* ou **.pdf*.

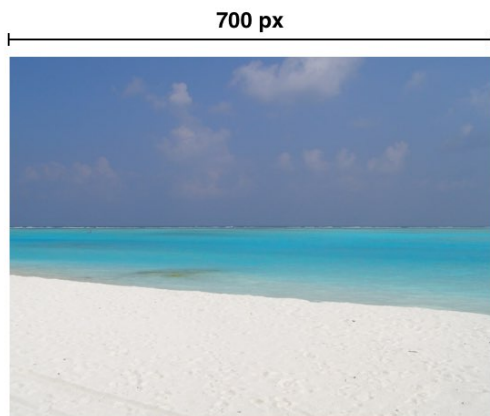
Revisão e publicação dos textos

- A língua oficial da *Rev. Ciência Elem.* é o português.
- Todos os materiais submetidos que sejam considerados dentro do âmbito da *Rev. Ciência Elem.* serão submetidos à avaliação por pares (revisores). A decisão final será informada pelo parecer dos revisores e transmitida ao autor correspondente com uma justificação;
- Os revisores consultados deverão avaliar a originalidade do tratamento, o rigor científico e a clareza da apresentação do conceito ou do tema para um público alargado. Deverão fazer comentários objetivos e, eventualmente, sugerir melhorias da redação ou de fundo do trabalho;
- Os revisores não estão autorizados a usar os textos que lhes sejam submetidos para revisão para qualquer fim que não seja o de avaliação e esta avaliação será considerada confidencial e transmitida apenas à Casa das Ciências;
- Os autores de todos os materiais submetidos para publicação autorizam a Casa das Ciências e os seus leitores a publicar ou republicar por qualquer forma, desde que referenciem a sua origem. Sempre que julgado apropriado pelo Editor, os artigos serão transcritos como entrada nova na WikiCiências.

Revista de Ciência Elementar

Dimensões mínimas das imagens

Imagem com o comprimento da coluna de texto



Fotografia de Luís Vítor Duarte

e verde da água do mar, imagem capaz de instigar a ambição de quem anseia encontrar o paraíso. Muito próximas do antigo Ceilão – terra de chá de eleição, de safiras e de outras pedras preciosas – e da província do Deccão, na Índia – é ali que na atualidade se localizam as massas de rocha vulcânica (Deccan Traps) que, na sua origem, terão contribuído para a extinção dos dinossaúros –, as ilhas das Maldivas distendem-se em mais de uma vintena de arquipélagos. A fazer-nos lembrar a célebre teoria de Charles Darwin sobre a génese deste tipo de morfologias marinhas, quando ele e o Beagle navegavam por águas do Pacífico. No caso das Maldivas, sem qualquer vestígio de rochas vulcânicas à superfície da água do mar. Uma paisagem que seria a esperada em pleno oceano, onde se forma basalto e rocha afim, como é o caso, por exemplo, de uma sua grande "concorrente" turística, a Bora-Bora, na Polinésia Francesa. Uma comparação que nos permite percecionar toda a teoria de Darwin quanto à génese de um atol.

As ilhas Maldivas são de exclusiva composição carbonatada envolvendo, internamente, grandes lagunas de água límpida de tom esmeralda. Em relação ao mar profundo, de azul mais carregado, as diversas ilhas são ladeadas externamente pela barreira recifal coralífera que, conjuntamente com fragmentos de conchas e moluscos e de outros invertebrados, alimenta de sedimento e mantém as próprias ilhas. De baixo do mar, é o figurino conhecido de qualquer amante de mergulho autónomo em águas equatoriais, com colónias de corais a perder de vista, envolvidos por organismos unicelulares fotossintéticos, de diversas cores, e com a habitual diversidade icológica e fauna de invertebrados. Tubarões e mantas são uma presença assídua deste ambiente marinho, estas últimas brincando a coluna de água com as mais belas coreografias, deixando à imaginação de cada um a melodia musical ideal. No que concerne à morfologia destas ilhas, é fácil perceber que a sua história geológica é muito recente, remontando já à parte superior do Holocénico. Segundo estudos dos últimos anos, estas ilhas terão sido formadas há pouco mais de 4,5 mil anos, através dum empilhamento de sedimentos calciclásticos, normalmente de origem bioclástica, que se sobrepõem a sedimentos finos de origem lagunar ou de antigos aparelhos recifais (coralíferos). De tal forma que, se os nossos antepassados portugueses do século XVI, dados à conquista de novos territórios – e que terão governado momentaneamente as Maurícias –, tivessem navegado por estas paragens 5 mil anos antes da verdadeira descoberta, não teriam vislumbrado nenhum sinal de "terra à vista". No máximo, podiam era ter encailhado, dada a forte proliferação de recifes de coral então existentes a pouquíssima profundidade. Basta olhar para a configuração e movimentação das placas litosféricas oceânicas do Índico, para entender que nesta área

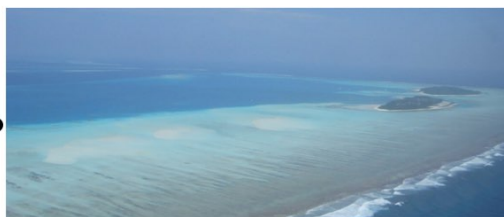


Contraste entre o branco da areia (carbonatada) da praia e o azul turquesa da laguna. Ao fundo, o limite do atol. Uma imagem de marca das Maldivas.

Imagem com o comprimento de duas colunas de texto



Fotografia de Luís Vítor Duarte

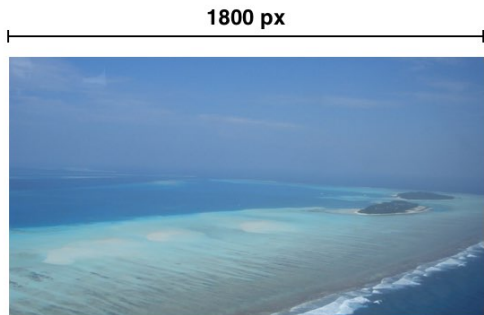


O atol de Malé do Norte na sua porção mais oriental. As ilhas carbonatadas e habitadas de Dhiffushi e Meeru.

e verde da água do mar, imagem capaz de instigar a ambição de quem anseia encontrar o paraíso. Muito próximas do antigo Ceilão – terra de chá de eleição, de safiras e de outras pedras preciosas – e da província do Deccão, na Índia – é ali que na atualidade se localizam as massas de rocha vulcânica (Deccan Traps) que, na sua origem, terão contribuído para a extinção dos dinossaúros –, as ilhas das Maldivas distendem-se em mais de uma vintena de arquipélagos. A fazer-nos lembrar a célebre teoria de Charles Darwin sobre a génese deste tipo de morfologias marinhas, quando ele e o

As ilhas Maldivas são de exclusiva composição carbonatada envolvendo, internamente, grandes lagunas de água límpida de tom esmeralda. Em relação ao mar profundo, de azul mais carregado, as diversas ilhas são ladeadas externamente pela barreira recifal coralífera que, conjuntamente com fragmentos de conchas e moluscos e de outros invertebrados, alimenta de sedimento e mantém as próprias ilhas. De baixo do mar, é o figurino conhecido de qualquer amante de mergulho autónomo em águas equatoriais, com colónias de corais a perder de vista, envolvidos por organismos

Imagem com o comprimento da página



Fotografia de Luís Vítor Duarte



Mergulhando no Oceano Índico
I – O paraíso das Maldivas

Luís Vítor Duarte [✉]
MARE — Departamento de Ciências da Terra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra

Vivemos num tempo em que as alterações climáticas, resultantes da amplificação do efeito de estufa, apontam para um cenário muito pouco auspicioso para o futuro mais próximo do planeta Terra.